**Rubem Fonseca**: Feliz Ano Novo (in Feliz Ano Novo, Artenova, Rio de Janeiro, 1975)

Vi na televisăo que as lojas bacanas estavam vendendo adoidado roupas ricas para as madames vestirem no reveillon. Vi também que as casas de artigos finos para comer e beber tinham vendido todo o estoque.  
  
Pereba, vou ter que esperar o dia raiar e apanhar cachaça, galinha morta e farofa dos macumbeiros.   
  
Pereba entrou no banheiro e disse, que fedor.  
  
Vai mijar noutro lugar, tô sem água.  
  
Pereba saiu e foi mijar na escada.  
  
Onde vocę afanou a TV, Pereba perguntou.  
  
Afanei, porra nenhuma. Comprei. O recibo está bem em cima dela. Ô Pereba! vocę pensa que eu sou algum babaquara para ter coisa estarrada no meu cafofo?  
  
Tô morrendo de fome, disse Pereba.  
  
De manhă a gente enche a barriga com os despachos dos babalaôs, eu disse, só de sacanagem.  
  
Năo conte comigo, disse Pereba. Lembra-se do Crispim? Deu um bico numa macumba aqui na Borges de Medeiros, a perna ficou preta, cortaram no Miguel Couto e tá ele aí, fudidăo, andando de muleta.  
  
Pereba sempre foi supersticioso. Eu năo. Tenho ginásio, sei ler, escrever e fazer raiz quadrada. Chuto a macumba que quiser.  
  
Acendemos uns baseados e ficamos vendo a novela. Merda. Mudamos de canal, prum bang-bang, Outra bosta.  
  
As madames granfas tăo todas de roupa nova, văo entrar o ano novo dançando com os braços pro alto, já viu como as branquelas dançam? Levantam os braços pro alto, acho que é pra mostrar o sovaco, elas querem mesmo é mostrar a boceta mas năo tęm culhăo e mostram o sovaco. Todas corneiam os maridos. Vocę sabia que a vida delas é dar a xoxota por aí?  
  
Pena que năo tăo dando pra gente, disse Pereba. Ele falava devagar, gozador, cansado, doente.  
  
Pereba, vocę năo tem dentes, é vesgo, preto e pobre, vocę acha que as madames văo dar pra vocę? Ô Pereba, o máximo que vocę pode fazer é tocar uma punheta. Fecha os olhos e manda brasa.  
  
Eu queria ser rico, sair da merda em que estava metido! Tanta gente rica e eu fudido.  
  
Zequinha entrou na sala, viu Pereba tocando punheta e disse, que é isso Pereba?  
  
Michou, michou, assim năo é possível, disse Pereba.  
  
Por que vocę năo foi para o banheiro descascar sua bronha?, disse Zequinha.  
  
No banheiro tá um fedor danado, disse Pereba. Tô sem água.  
  
As mulheres aqui do conjunto năo estăo mais dando?, perguntou Zequinha.   
  
Ele tava homenageando uma loura bacana, de vestido de baile e cheia de jóias.  
  
Ela tava nua, disse Pereba.  
  
Já vi que vocęs tăo na merda, disse Zequinha.  
  
Ele tá querendo comer restos de Iemanjá, disse Pereba.  
  
Brincadeira, eu disse. Afinal, eu e Zequinha tínhamos assaltado um supermercado no Leblon, năo tinha dado muita grana, mas passamos um tempăo em Săo Paulo na boca do lixo, bebendo e comendo as mulheres. A gente se respeitava.  
  
Pra falar a verdade a maré também năo tá boa pro meu lado, disse Zequinha. A barra tá pesada. Os homens năo tăo brincando, viu o que fizeram com o Bom Crioulo? Dezesseis tiros no quengo. Pegaram o Vevé e estrangularam. O Minhoca, porra! O Minhoca! crescemos juntos em Caxias, o cara era tăo míope que năo enxergava daqui até ali, e também era meio gago - pegaram ele e jogaram dentro do Guandu, todo arrebentado.  
  
Pior foi com o Tripé. Tacaram fogo nele. Virou torresmo. Os homens năo tăo dando sopa, disse Pereba. E frango de macumba eu năo como.  
  
Depois de amanhă vocęs văo ver. Văo ver o que?, perguntou Zequinha.  
  
Só tô esperando o Lambreta chegar de Săo Paulo.  
  
Porra, tu tá transando com o Lambreta?, disse Zequinha.  
  
As ferramentas dele tăo todas aqui.  
  
Aqui!?, disse Zequinha. Vocę tá louco.  
  
Eu ri.  
  
Quais săo os ferros que vocę tem?, perguntou Zequinha. Uma Thompson lata de goiabada, uma carabina doze, de cano serrado, e duas magnum.  
  
Puta que pariu, disse Zequinha. E vocęs montados nessa baba tăo aqui tocando punheta?  
  
Esperando o dia raiar para comer farofa de macumba, disse Pereba. Ele faria sucesso falando daquele jeito na TV, ia matar as pessoas de rir.  
  
Fumamos. Esvaziamos uma pitu.  
  
Posso ver o material?, disse Zequinha.  
  
Descemos pelas escadas, o elevador năo funcionava e fomos no apartamento de Dona Candinha. Batemos. A velha abriu a porta.  
  
Dona Candinha, boa noite, vim apanhar aquele pacote.  
  
O Lambreta já chegou?, disse a preta velha.  
  
Já, eu disse, está lá em cima.  
  
A velha trouxe o pacote, caminhando com esforço. O peso era demais para ela. Cuidado, meus filhos, ela disse.  
  
Subimos pelas escadas e voltamos para o meu apartamento. Abri o pacote. Armei primeiro a lata de goiabada e dei pro Zequinha segurar. Me amarro nessa máquina, tarratátátátá!, disse Zequinha.  
  
É antiga mas năo falha, eu disse.   
  
Zequinha pegou a magnum. Jóia, jóia, ele disse. Depois segurou a doze, colocou a culatra no ombro e disse: ainda dou um tiro com esta belezinha nos peitos de um tira, bem de perto, sabe como é, pra jogar o puto de costas na parede e deixar ele pregado lá.  
  
Botamos tudo em cima da mesa e ficamos olhando. Fumamos mais um pouco.  
  
Quando é que vocęs văo usar o material?, disse Zequinha.  
  
Dia 2. Vamos estourar um banco na Penha. O Lambreta quer fazer o primeiro gol do ano.   
  
Ele é um cara vaidoso, disse Zequinha.  
  
É vaidoso mas merece. Já trabalhou em Săo Paulo, Curitiba, Florianópolis, Porto Alegre, Vitória, Niterói, pra năo falar aqui no Rio. Mais de trinta bancos.  
  
É, mas dizem que ele dá o bozó, disse Zequinha.  
  
Năo sei se dá, nem tenho peito de perguntar. Pra cima de mim nunca veio com frescuras.  
  
Vocę já viu ele com mulher?, disse Zequinha.  
  
Năo, nunca vi. Sei lá, pode ser verdade, mas que importa?  
  
Homem năo deve dar o cu. Ainda mais um cara importante como o Lambreta, disse Zequinha.  
  
Cara importante faz o que quer, eu disse.  
  
É verdade, disse Zequinha.  
  
Ficamos calados, fumando.  
  
Os ferros na măo e a gente nada, disse Zequinha.  
  
O material é do Lambreta. E aonde é que a gente ia usar ele numa hora destas?  
  
Zequinha chupou ar fingindo que tinha coisas entre os dentes. Acho que ele também estava com fome.  
  
Eu tava pensando a gente invadir uma casa bacana que tá dando festa. O mulherio tá cheio de jóia e eu tenho um cara que compra tudo que eu levar. E os barbados tăo cheios de grana na carteira. Vocę sabe que tem anel que vale cinco milhas e colar de quinze, nesse intruja que eu conheço? Ele paga na hora.  
  
O fumo acabou. A cachaça também. Começou a chover. Lá se foi a tua farofa, disse Pereba.  
  
Que casa? Vocę tem alguma em vista?  
  
Năo, mas tá cheio de casa de rico por aí. A gente puxa um carro e sai procurando.   
  
Coloquei a lata de goiabada numa saca ele feira, junto com a muniçăo. Dei uma magnum pro Pereba, outra pro Zequinha. Prendi a carabina no cinto, o cano para baixo e vesti uma capa. Apanhei tręs meias de mulher e uma tesoura. Vamos, eu disse.  
  
Puxamos um Opala. Seguimos para os lados de Săo Conrado. Passamos várias casas que năo davam pé, ou tavam muito perto da rua ou tinham gente demais. Até que achamos o lugar perfeito. Tinha na frente um jardim grande e a casa ficava lá no fundo, isolada. A gente ouvia barulho de música de carnaval, mas poucas vozes cantando. Botamos as meias na cara. Cortei com a tesoura os buracos dos olhos. Entramos pela porta principal.   
  
Eles estavam bebendo e dançando num salăo quando viram a gente.  
  
É um assalto, gritei bem alto, para abafar o som da vitrola. Se vocęs ficarem quietos ninguém se machuca. Vocę aí, apaga essa porra dessa vitrola!  
  
Pereba e Zequinha foram procurar os empregados e vieram com tręs garçőes e duas cozinheiras. Deita todo mundo, eu disse.  
  
Contei. Eram vinte e cinco pessoas. Todos deitados em silęncio, quietos, como se năo estivessem sendo vistos nem vendo nada.  
  
Tem mais alguém em casa?, eu perguntei.  
  
Minha măe. Ela está lá em cima no quarto. É uma senhora doente, disse uma mulher toda enfeitada, de vestido longo vermelho. Devia ser a dona da casa.  
  
Crianças?  
  
Estăo em Cabo Frio, com os tios.  
  
Gonçalves, vai lá em cima com a gordinha e traz a măe dela.  
  
Gonçalves?, disse Pereba.  
  
É vocę mesmo. Tu năo sabe mais o teu nome, ô burro? Pereba pegou a mulher e subiu as escadas.  
  
Inocęncio, amarra os barbados.  
  
Zequinha amarrou os caras usando cintos, fios de cortinas, fios de telefones, tudo que encontrou.  
  
Revistamos os sujeitos. Muito pouca grana. Os putos estavam cheios de cartőes de crédito e talőes de cheques. Os relógios eram bons, de ouro e platina. Arrancamos as jóias das mulheres. Um bocado de ouro e brilhante. Botamos tudo na saca.  
  
Pereba desceu as escadas sozinho.  
  
Cadę as mulheres?, eu disse.  
  
Engrossaram e eu tive que botar respeito.  
  
Subi. A gordinha estava na cama, as roupas rasgadas, a língua de fora. Mortinha. Pra que ficou de flozô e năo deu logo? O Pereba tava atrasado. Além de fudida, mal paga. Limpei as jóias. A velha tava no corredor, caída no chăo. Também tinha batido as botas. Toda penteada, aquele cabelăo armado, pintado de louro, de roupa nova, rosto encarquilhado, esperando o ano novo, mas já tava mais pra lá do que pra cá. Acho que morreu de susto. Arranquei os colares, broches e anéis. Tinha um anel que năo saía. Com nojo, molhei de saliva o dedo da velha, mas mesmo assim o anel năo saía. Fiquei puto e dei uma dentada, arrancando o dedo dela. Enfiei tudo dentro de uma fronha. O quarto da gordinha tinha as paredes forradas de couro. A banheira era um buraco quadrado grande de mármore branco, enfiado no chăo. A parede toda de espelhos. Tudo perfumado. Voltei para o quarto, empurrei a gordinha para o chăo, arrumei a colcha de cetim da cama com cuidado, ela ficou lisinha, brilhando. Tirei as calças e caguei em cima da colcha. Foi um alívio, muito legal. Depois limpei o cu na colcha, botei as calças e desci.  
  
Vamos comer, eu disse, botando a fronha dentro da saca. Os homens e mulheres no chăo estavam todos quietos e encagaçados, como carneirinhos. Para assustar ainda mais eu disse, o puto que se mexer eu estouro os miolos.  
  
Entăo, de repente, um deles disse, calmamente, năo se irritem, levem o que quiserem năo faremos nada.  
  
Fiquei olhando para ele. Usava um lenço de seda colorida em volta do pescoço.  
  
Podem também comer e beber ŕ vontade, ele disse.  
  
Filha da puta. As bebidas, as comidas, as jóias, o dinheiro, tudo aquilo para eles era migalha. Tinham muito mais no banco. Para eles, nós năo passávamos de tręs moscas no açucareiro.  
  
Como é seu nome?  
  
Maurício, ele disse.  
  
Seu Maurício, o senhor quer se levantar, por favor?  
  
Ele se levantou. Desamarrei os braços dele.  
  
Muito obrigado, ele disse. Vę-se que o senhor é um homem educado, instruído. Os senhores podem ir embora, que năo daremos queixa ŕ polícia. Ele disse isso olhando para os outros, que estavam quietos apavorados no chăo, e fazendo um gesto com as măos abertas, como quem diz, calma minha gente, já levei este bunda suja no papo.   
Inocęncio, vocę já acabou de comer? Me traz uma perna de peru dessas aí. Em cima de uma mesa tinha comida que dava para alimentar o presídio inteiro. Comi a perna de peru. Apanhei a carabina doze e carreguei os dois canos.  
  
Seu Maurício, quer fazer o favor de chegar perto da parede? Ele se encostou na parede. Encostado năo, năo, uns dois metros de distância. Mais um pouquinho para cá. Aí. Muito obrigado.  
  
Atirei bem no meio do peito dele, esvaziando os dois canos, aquele tremendo trovăo. O impacto jogou o cara com força contra a parede. Ele foi escorregando lentamente e ficou sentado no chăo. No peito dele tinha um buraco que dava para colocar um panetone.  
  
Viu, năo grudou o cara na parede, porra nenhuma.  
  
Tem que ser na madeira, numa porta. Parede năo dá, Zequinha disse.  
  
Os caras deitados no chăo estavam de olhos fechados, nem se mexiam. Năo se ouvia nada, a năo ser os arrotos do Pereba.  
  
Vocę aí, levante-se, disse Zequinha. O sacana tinha escolhido um cara magrinho, de cabelos compridos.  
  
Por favor, o sujeito disse, bem baixinho. Fica de costas para a parede, disse Zequinha.   
Carreguei os dois canos da doze. Atira vocę, o coice dela machucou o meu ombro. Apóia bem a culatra senăo ela te quebra a clavícula.  
  
Vę como esse vai grudar. Zequinha atirou. O cara voou, os pés saíram do chăo, foi bonito, como se ele tivesse dado um salto para trás. Bateu com estrondo na porta e ficou ali grudado. Foi pouco tempo, mas o corpo do cara ficou preso pelo chumbo grosso na madeira.   
  
Eu năo disse? Zequinha esfregou ó ombro dolorido. Esse canhăo é foda.  
  
Năo vais comer uma bacana destas?, perguntou Pereba.  
  
Năo estou a fim. Tenho nojo dessas mulheres. Tô cagando pra elas. Só como mulher que eu gosto.  
  
E vocę... Inocęncio?  
  
Acho que vou papar aquela moreninha.  
  
A garota tentou atrapalhar, mas Zequinha deu uns murros nos cornos dela, ela sossegou e ficou quieta, de olhos abertos, olhando para o teto, enquanto era executada no sofá.  
  
Vamos embora, eu disse. Enchemos toalhas e fronhas com comidas e objetos.  
  
Muito obrigado pela cooperaçăo de todos, eu disse. Ninguém respondeu.  
  
Saímos. Entramos no Opala e voltamos para casa.  
  
Disse para o Pereba, larga o rodante numa rua deserta de Botafogo, pega um táxi e volta. Eu e Zequinha saltamos.  
  
Este edifício está mesmo fudido, disse Zequinha, enquanto subíamos, com o material, pelas escadas imundas e arrebentadas.  
  
Fudido mas é Zona Sul, perto da praia. Tás querendo que eu vá morar em Vilópolis?   
  
Chegamos lá em cima cansados. Botei as ferramentas no pacote, as jóias e o dinheiro na saca e levei para o apartamento da preta velha.  
  
Dona Candinha, eu disse, mostrando a saca, é coisa quente.  
  
Pode deixar, meus filhos. Os homens aqui năo vęm.   
  
Subimos. Coloquei as garrafas e as comidas em cima de uma toalha no chăo. Zequinha quis beber e eu năo deixei. Vamos esperar o Pereba.  
  
Quando o Pereba chegou, eu enchi os copos e disse, que o próximo ano seja melhor. Feliz Ano Novo.